

ARTIGO

Lembrando Lattes

Morre aos 81 anos um homem de nome italiano forte: Cesare Mansueto Giulio Lattes. Figura complexa, resvalou o sonho de muitos cientistas, o Nobel, mas foi ludibriado pelo acaso/ocaso das ocasiões humanas.

Estive com Cesare Lattes em agosto de 2001 quando lancei meu livro 'Memórias do Invisível', durante o COLE (Congresso de Leitura da Unicamp). Através de uma amiga comum, Paula Dutra, visitei a sua casa e lá pudemos conversar um bom tempo sobre a natureza da ciência física, seus mistérios e sobre os paradigmas atuais que recapitulam, muitas vezes, as pobres farsas míticas que animam crenças e religiões.

Esse encontro se repetiu, desta vez acompanhado por uma jornalista, Tatianna Favaro, do 'Jornal da Unicamp'. Discutimos diversos temas [boa parte da discussão está presente na web nos arquivos do 'Jornal da Unicamp'], mas o tema recorrente era a estranha cosmologia do Big Bang e a relatividade.

Lattes, protagonista da história da grande física, duvidava de Eddington (o grande 'publicitário' de Einstein - devido à 'prova experimental' da deflexão da luz estelar durante um eclipse solar total em Sobral e Príncipe) e mesmo da relatividade, anos após o pitoresco 'acidente' da Unicamp sobre sua

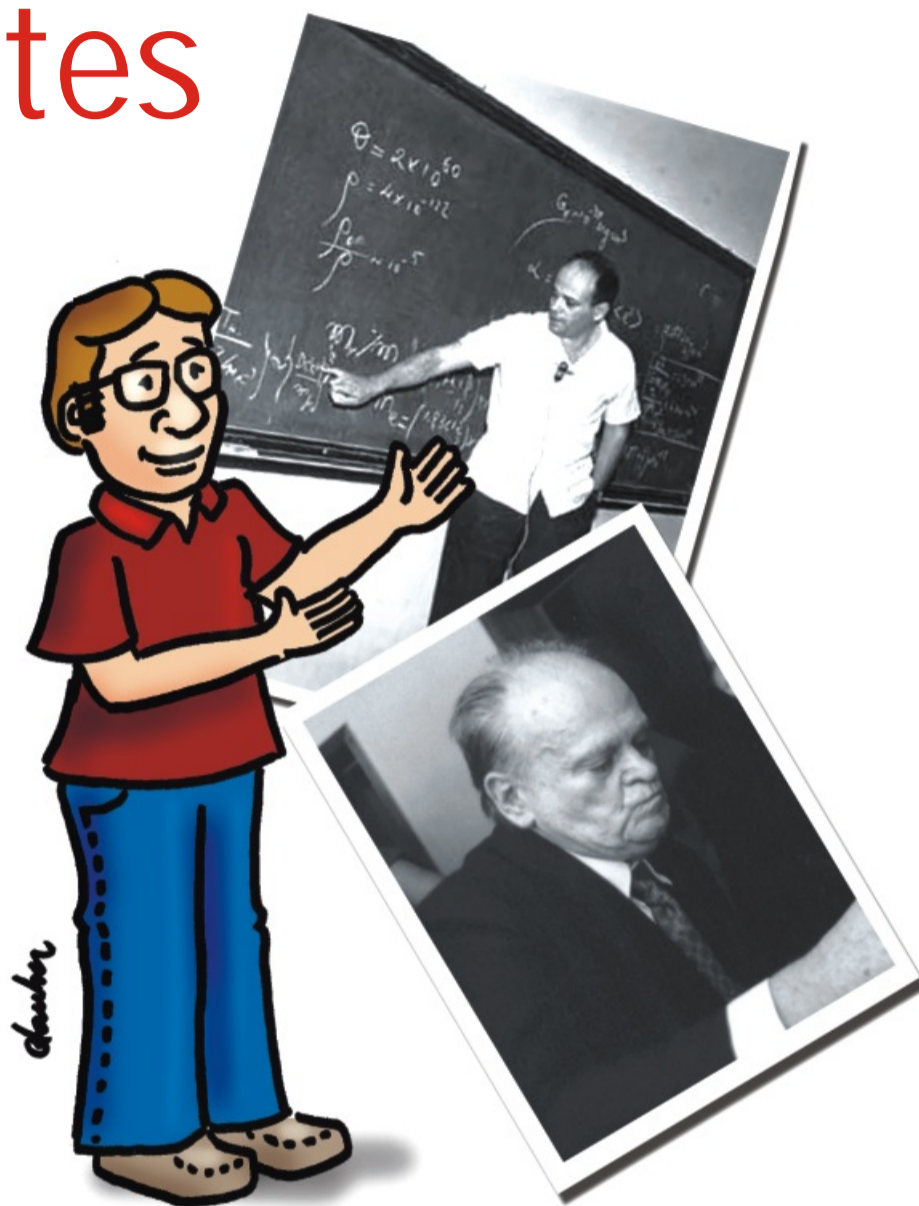
contestação à física de Albert Einstein.

Quis o destino que Lattes falecesse no centenário do 'annus mirabilis' de Einstein. Quem o conheceu sabe que ele não teria aprovado essa 'ocasionalidade'.

Sobre a relatividade, dizia ele em nosso encontro: '(...) quem enunciou corretamente e colocou em ordem [o princípio da relatividade] foi o Poincaré, em 1900. Lá já aparece que o movimento retilíneo uniforme não pode ser detectado num laboratório. Admitindo como postulado (...) que o movimento retilíneo uniforme não altera os fenômenos de um laboratório fechado, e chamando a isso de princípio da relatividade - como eles falam - mesmo que mais tarde viesse a ser provado o contrário pela experiência, Poincaré queria ver quais seriam as consequências lógicas. É assim que ele começa seu trabalho. Tudo o que Einstein diz, sobre dilatação do período dos relógios em movimento, variação da massa com a velocidade, isso é Lorentz. Einstein é uma bobagem. Eu não acredito na relatividade (...) Einstein confundiu medida de grandeza física com grandeza física, que é uma coisa objetiva. O metro dele encolhe dependendo da velocidade'.

Por essas afirmações, Lattes passou

“Lattes passou seus últimos anos num exílio pessoal”



peçoal. Os 'cientistas sérios', esses que passam toda a vida fazendo a 'ciência normal kuhniana', proletária, o evitavam.

Parece não ter compreendido que lutar contra um paradigma não é coisa de um exército de um homem só. É luta de gerações de abnegados que teimam e teimarão em não comungar com teorias indexadas como verdades absolu-

tas e confundir cientistas com semi-deuses. Ao final do dia de hoje (terça, 08/03), morreu o homem Lattes. Não era um herói de mármore, mas um homem irrequieto, complexo, irônico e, pródigo. Lattes ('enfim', dirão alguns...) está morto! Viva Cesare Lattes! (* artigo extraído do Jornal da Ciência (JC-mail), 09.03.2005)

MARCOS CESAR DANHONI NEVES

Secretário Regional da SBPC-PR

DICA CULTURAL

Livro

Livro? **Budapeste** Quem leu? **Orlando Fonseca***
Preço: **R\$ 32,00 (Livraria da Mente)**

Até agora, eu vinha mantendo uma certa indiferença, ou má vontade para com a produção literária de Chico Buarque. Autor reconhecido na MPB, Chico circulou com sucesso pelo texto teatral, e ganhou notoriedade no mundo literário - em termos de crítica e vendas - com Estorvo, e Benjamin. Este último inclusive transformado em filme. Ao passar pela livraria, dei com Budapeste, último romance do autor, cujas resenhas havia lido em várias revistas, e, estimulado pelo design da capa e o selo do Prêmio Jabuti, 2004, comprei o livro, e estou recomendando a leitura, pois o apreciei bastante. São dois os motivos da narrativa: **1)** as (des)venturas de um estrangeiro em Budapeste sem saber um nadinha de húngaro, e **2)** o drama de um escritor que trabalha (e é sócio) de uma agência de ghost writers, ou seja, autores anônimos de obras literárias, autobiografias, discursos, que costumam se encontrar anualmente em alguma parte do mundo. Além destes ingredientes, tem o drama da relação do narrador com a esposa Vanda, e o amor de Kriska, professora de húngaro e amante; tudo numa linguagem fluente e história cativante.

(*O autor é escritor e professor do departamento de Letras Vernáculas da UFSM)

